

CULTURA E RELIGIOSIDADE: ASPECTOS DA TRADICIONAL FESTA DA FAZENDA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DA ABADIA NO MUNICÍPIO DE FIGUEIRÃO/ MS¹

Valdery Ferreira Zotelli²
Maria Augusta de Castilho³

O presente estudo tem como objetivo evidenciar a tradicional da festa na fazenda em louvor a Nossa Senhora da Abadia no município de Figueirão/MS, uma manifestação religiosa da comunidade rural local que é realizada todos os anos do dia 14 ao dia 15 de agosto há mais de noventa e três anos. A festividade se originou a partir de um voto religioso em função da passagem da Coluna Prestes do líder revolucionário Luís Carlos Prestes na região, um fato histórico de grande relevância nacional que disseminou o pânico entre os moradores locais, levando os pioneiros da festa a recorrerem a devoção a santa como proteção e resistência. Ademais, é preciso considerar que o voto religioso solicitante e a manutenção do mesmo ao longo dos anos configura-se como um elemento de coesão social no desenvolvimento da identidade dos sujeitos participantes, resultando na formação do sagrado, na solidificação e no sentimento de pertença entre os moradores, unidade essa que em 1949 resultou na fundação da Cidade de Figueirão/MS. A pesquisa foi realizada tendo como método o indutivo, com uma abordagem sistêmica, utilizando-se de pesquisas bibliográficas em livros, consultas em artigos disponíveis na internet, sendo eles encontrados em sites especializados de busca como o google acadêmico e revistas digitais. Vale ressaltar que o tipo do estudo é a pesquisa-ação, como morador da cidade de Figueirão - MS e participante ativo das festividades anuais em homenagem à Nossa Senhora da Abadia, a experiência vivida foi fundamental para descrever elementos que contemplam os aspectos religiosos, econômicos, políticos e sociais da festividade, uma vez que, ainda não havia nenhum trabalho acadêmico específico sobre a festividade.

Palavras-chave: Religiosidade; Cultura; Figueirão/MS.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo evidenciar a tradicional a festa na fazenda em louvor a Nossa Senhora da Abadia no município de Figueirão/MS, uma manifestação religiosa da comunidade rural local que é realizada todos os anos do dia 14 ao dia 15 de agosto há mais de noventa e três anos. O evento é o resultado da união de fazendeiros,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História, na Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

² Acadêmico do Curso de História da Universidade Católica Dom Bosco. Email - valderyzotelli@gmail.com

³ Pós-Doutora em Linguística. Doutora em Ciências Sociais - História do Brasil, ambas pela Universidade de São Paulo. Professora do curso de Graduação em História e do PPGDL - Universidade Católica Dom Bosco - Campo Grande - MS - Brasil. Orientadora da Pesquisa. E-mail: rf5296@ucdb.br

chacareiros e demais devotos de Figueirão e cidades vizinhas, que durante algumas semanas ou mesmo meses se mobilizam para organizar a festa religiosa.

A festividade se originou a partir de um voto religioso em função da passagem da Coluna Prestes do líder revolucionário Luís Carlos Prestes na região, um fato histórico de grande relevância nacional que disseminou o pânico entre os moradores locais. Quando os revoltosos se aproximaram a população assustada se apegou a devoção em Nossa Senhora da Abadia como forma de proteção de suas famílias e suas posses.

Na história da humanidade, a ameaça provocada por eventos inexplicáveis diante da realidade local desencadeou a busca de forças através das manifestações solicitantes. Os rituais seguem lógicas próprias conduzidos por líderes religiosos locais, demonstrando assim, a importância do desenvolvimento religioso entre as comunidades.

É preciso considerar que o voto religioso solicitante e a manutenção do mesmo ao longo dos anos, configura-se como um elemento de coesão social no desenvolvimento da identidade dos sujeitos participantes, resultando na formação do sagrado, na solidificação e no sentimento de pertença entre os moradores, unidade essa que em 1949 resultou na fundação da Cidade de Figueirão/MS.

Inicialmente, o estudo discorre acerca da cultura, da religiosidade e de que maneira a religião atua na formação ética do sujeito, principalmente enfatizando a relação entre a adoção do culto religioso e a transformação do espaço; o desenvolvendo do sentimento de pertença e as contribuições na formação das comunidades. Em seguida, é apresentada uma breve contextualização histórica acerca da necessidade do desenvolvimento da religião entre homens e os elementos da produção simbólica. Tais apontamentos são fundamentais para se compreender a importância que da manifestação religiosa e do sagrado, bem como sua incorpora em uma sociedade.

O trabalho destaca a religiosidade no município de Figueirão/MS, assinalando a devoção religiosa entre os pioneiros da festa e os acontecimentos históricos envolvendo a fé religiosa que deu origem a celebração a Nossa senhora e sua história. São apontados na pesquisa os detalhes da celebração, suas principais características e demais atividades desenvolvidas na referida festa.

A pesquisa foi realizada tendo como método o indutivo, com uma abordagem sistêmica, utilizando-se de pesquisas bibliográficas em livros, consultas em artigos disponíveis na internet, sendo eles encontrados em sites especializados de busca como o google acadêmico e revistas digitais. Vale ressaltar que o tipo do estudo é a pesquisa-ação, uma vez que participo ativamente de todas as atividades festivas.

Como morador da cidade de Figueirão - MS e participante ativo das festividades anuais em homenagem à Nossa Senhora da Abadia, a experiência vivida foi fundamental para descrever elementos que contemplam os aspectos religiosos, econômicos, políticos e sociais da festividade, uma vez que, ainda não havia nenhum trabalho acadêmico específico sobre a festividade.

2 CULTURA E RELIGIOSIDADE

Na visão antropológica, não existe um consenso para definir cultura, o termo apresenta centenas de definições que foram formuladas ao longo dos tempos tendo como precursor os pressupostos do antropólogo britânico Edward Taylor, que foi responsável por apresentar o termo pela primeira vez. Segundo Taylor, “Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade” (CASTRO, 2005, p. 31).

Na mesma perspectiva, Giddens afirma que “a cultura de uma sociedade engloba tanto os aspectos intangíveis - as crenças, as ideias e os valores que constituem o teor da cultura - como os aspectos tangíveis - os objectos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo.” (GIDDENS, 2004, p. 22). Assim sendo, no enfrentamento do homem com a natureza, as construções simbólicas de um povo são as marcas de suas transformações sociais ao longo dos tempos, são as celebrações das tradições que contam a história de um povo e despertam o interesse e o sentimento de pertencimento ao local.

Segundo Santos, “a formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre as mesmas” (SANTOS, 2001, p. 214). Dessa forma, possibilita a organização de sociedades mais complexas, apoiadas em elementos da mediação simbólica que agregam significados e principalmente atuam no processo de territorialização do espaço, como é o exemplo da religião, que atua como um elemento de coesão da comunidade.

Ávila (2001) descreve comunidade como um agrupamento de pessoas que se convergem e interagem em uma cadeia de contatos que vão se estruturando cotidianamente por intermédio quase que inconsciente da interação, formando laços interpessoais que se solidificam e se expandem. A colaboração acontece mesmo que de forma indireta ou

inconsciente, uma vez que, a simples organização social em comunidade já garante o fortalecimento do grupo e a superação de adversidade como um grupo.

A principal razão está na interiorização das normas e costumes da comunidade, no qual o indivíduo vai sendo inserido no contexto social desde seus primeiros momentos de vida, aprendendo como precisa se comportar e adquirindo a identidade da cultura a qual está inserido. Esse processo recebe o nome de socialização e é “através do qual as crianças, ou outros novos membros da sociedade, aprendem o modo de vida da sociedade em que vivem. Este processo constitui o principal canal de transmissão da cultura através do tempo e das gerações.” (GIDDENS, 2004, p. 27).

A religiosidade “é um elemento fundamental para se caracterizar os valores que formam o homem e a sociedade dentro de um espaço territorial. Entender um espaço territorial é entender a cultura em que vive a sociedade de tal espaço e, junto com isso, está a religiosidade”. (BERNARDI; CASTILHO, 2016, p. 750). Nesse aporte, a tradicional festa de Nossa Senhora da Abadia que ocorre no município de Figueirão/MS é um importante elemento para analisar o contexto da religiosidade na coesão social. Uma vez que, a celebração não está vinculada a uma instituição religiosa mas sim a elementos da religiosidade popular seguindo uma dinâmica de organização própria.

A celebração também se caracteriza como uma manifestação de caráter social e que envolve toda a comunidade rural do município, exercendo a função de manutenção da tradição religiosa, sendo esta carregada de símbolos e crenças, incorporando tanto características do sagrado quanto do profano.

A religiosidade popular tem como primazia a livre manifestação da fé, tendo como características a ligação direta e não institucionalizada com o sagrado, que é constituído a partir do direcionamento da fé da comunidade. As pessoas escolhem os elementos místicos aos quais irão se apegar, mesmo que tenham inspirações no cristianismo, na camada popular o culto ganha características próprias, que não necessariamente precisam ser aprovadas pela igreja.

A esse respeito, Bernardi e Castilho (2016, p. 749), apresentam as seguintes considerações:

As identidades locais têm que ser respeitadas e, dentro disso, o mundo da religiosidade tem função fundamental, pois é ela que permite perceber as manifestações em torno do sagrado que faz parte da vida do homem e da sociedade, onde ele está e que ajuda na construção dos valores das pessoas, das famílias e das comunidades.

Um exemplo desta afirmação está no contexto histórico do desenvolvimento entre os povos. Durante o período da Idade Média, o cristianismo passou a ser amplamente adotado em toda a Europa, contando com a mediação institucional do culto pela Igreja Católica e adotando um único Deus. Em contrapartida, os cultos pagãos ainda persistiram em muitas localidades, sendo estas crenças caracterizadas por uma grande quantidade de deuses e líderes religiosos locais, seguindo a tradição de seus antepassados. Nesse sentido, se faz necessário analisar o desenvolvimento da religião e a mediação simbólica na ligação do homem com o sagrado.

3 BREVE HISTÓRICO DA PRÁTICA RELIGIOSA ENTRE OS HOMENS

A religião “é uma categoria de análise histórica e social que pode ser definida como um conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico” (SILVA; SILVA, 2009, p. 354). A religião é bem mais do que apenas a espiritualidade e poder sobrenatural, ela se expressa também nos costumes dos povos, nas leis e na moralidade, sendo um elemento político de definição de valores sociais, transmitida através da socialização de forma impositiva ou não.

A esse respeito Geertz (2008, p. 67), aponta que:

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Segundo Giddens (2004, p. 535), todas as religiões parecem apresentar características semelhantes:

As religiões implicam um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de reverência ou de temor, ligados a rituais ou cerimônias (como os serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes. Cada um destes elementos deve ser alvo de explicação. Quer as crenças numa religião envolvam deuses, ou não, existem sempre seres ou objectos que inspiram atitudes de temor ou de admiração.

Neste sentido, é possível identificar prática religiosa entre os povos desde seus primórdios por meio das marcas deixadas pela ação do homem no tempo, sendo demonstradas principalmente nos rituais fúnebres e de caça. Uma simbologia que incorpora o sagrado,

constituído através de uma ligação cósmica com o desconhecido, na tentativa de explicar a existência humana, mesmo que de forma rudimentar identifica-se a crença em algum tipo de sorte.

“As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia” (GEERTZ, 2008, p. 71). Sendo essa uma característica marcante mesmo entre as religiões anteriores a tríade abraâmica cristianismo, judaísmo e islamismo, que em sua maioria eram politeístas, tendo as concepções de deuses atreladas a criaturas superiores com poderes sobre humanos.

Na antiguidade clássica, os gregos eram politeístas, cultuavam vários deuses que foram incorporados após sucessivas invasões de outros povos. Sua religião era transmitida a partir dos relatos orais de sua mitologia, que por sua vez, eram uma tentativa de explicar o desconhecido e ensinar seus valores através das façanhas de seus deuses. Em geral, as divindades representavam elementos da natureza, poderosos e imortais, no entanto, apresentavam sentimentos humanos aumentando assim a ligação com as pessoas, sendo um exemplo por sofrer dos mesmo infortúnios que o povo.

Entre os romanos, o culto público era controlado pelo Estado, sendo que o principal sacerdote era o rei. Entre os principais deuses estavam Júpiter, pai dos deuses e Marte, deus da guerra, celebrados em grandes eventos que reuniam sacrifícios públicos e festivais. Havia também os cultos domésticos, as famílias romanas se reuniam para celebrações que estabeleciam uma ligação particular com o sagrado, tendo como finalidade manter a fertilidade de suas terras e saúde dos animais, mas sobretudo para não deixar os deuses zangados e assim impedir desastres ou violências.

A esse respeito Santos (2008, p. 80) afirma que:

Há na história da humanidade uma preocupação constante com a busca de garantia alimentar, e conseqüentemente de sobrevivência, presente no cotidiano das mais remotas civilizações conhecidas. A ameaça de grandes fomes e epidemias nos faz entender mais facilmente a força que adquiriram as manifestações solicitantes de proteção alimentar às divindades no decorrer da história.

Esses rituais domésticos aconteciam de forma independente ao Estado, não eram obrigações civis mas sim uma iniciativa popular de ligação não institucionalizada com as divindades. Dessa forma, percebe-se um notável desenvolvimento religioso entre as

comunidades que buscavam na força sobrenatural de seus deuses uma forma de suportar as adversidades encontradas.

A esse respeito Geertz (2018, p. 77), complementa:

Para aqueles capazes de adotá-los, e enquanto forem capazes de adotá-los, os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente.

A liberdade religiosa entre os romanos resultou na proliferação de cultos locais e posteriormente se caracterizou como um empecilho no processo de ascensão do cristianismo no Império Romano, sobretudo a partir do final do século IV quando esse se tornou a religião oficial. A resistência era principalmente pelo fato das diferenças proposta pela nova religião, que proibia completamente qualquer outro tipo de manifestação religiosa no império, adotando um único Deus.

O cristianismo surgiu a partir a evangelização feita por seguidores de Jesus Cristo, tendo na figura de Pedro o fundador da Igreja Católica e ainda o apóstolo Paulo, ambos responsáveis por escreverem sobre Jesus e disseminar seus ensinamentos. Na doutrina cristã, o homem deveria buscar a salvação que somente poderia ser encontrada em Deus. Para alcançá-la, além de cultuar o ser divino, também era necessário que se seguisse uma vida virtuosa que exigia mudanças de hábitos culturais e abdicando dos prazeres que mundanos.

O processo de expansão do cristianismo pode ser compreendido a partir de diferentes aspectos, dentre eles a repressão violenta a outros cultos e a estratégia de incorporação das manifestações populares, que recebe o nome de sincretismo religiosos. Uma “simbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias” (VALENTE, 1955, p. 42). Dessa forma, são incorporados ao cristianismo festividades religiosas que no culto pagão eram destinados a deuses próprios e marcavam alguma passagem de tempo para as pessoa, rituais de colheitas ou celebrações a deuses romanos antigos, como Marte e Saturno.

Outra forma de incorporação de fiéis foi ensinar sobre a vida e morte de Cristo, sua vida de abdição ao mundo e comprometimento com a salvação do homem, principalmente por meio de imagens expostas nos vitrais das grande igrejas e também utilizando exemplos de pessoas comuns que atingiram a santidade por conta de obras divinas realizadas aqui na terra. “O culto aos santos está presente desde a constituição da hierarquia cristã e sua

conseqüente necessidade em firmar valores morais usando modelos exemplares que traduziriam sua visão de mundo” (DE ANDRADE, 2015, p. 3).

Na dinâmica do cristianismo, o culto aos santos não significa a diminuição da importância de Deus para os fiéis mas sim a representação e a manifestação do poder dele. O santo é um símbolo da mediação entre o devoto e o seu Deus em uma manifestação solicitante, um advogado ou mesmo intercessor, por justamente representar um modelo de vida, dedicado geralmente a uma causa específica, como amor aos pobres, cuidado com os animais, cuidado com os enfermos, entre outros.

No Brasil, o catolicismo e o culto aos santos chegou como um elemento do colonizador, partindo do pressuposto de uma cultura superior que encontrava uma terra nova e que precisava ser catequizada. A marca da presença portuguesa é justamente a celebração da primeira missa e a cruz fixada em solo determinando a posse do novo território. Na obra “A primeira missa no Brasil” o pintor Victor Meirelles evidencia a imponência do símbolo religioso e o suposto fascínio despertado nos olhares dos nativos.

A esse respeito Macedo (2008, p.2) destaca que:

Em Portugal símbolos como as cruces eram constantes em praças, igrejas, ruas, sepulturas, ao longo de caminhos, nos cordões, peitorais e escapulários, nas exclamações invocatórias e protetoras, no velame das caravelas. Por toda parte imagens de santos povoavam as vilas, cantos de ruas, altares, oratórios e capelas, interior de casas, cultos à Virgem Maria, festas, romarias e procissões nas ruas que se repetiram no Novo Mundo.

Entretanto, mesmo com as estreitas relações entre a igreja e a colônia, a presença de diversos grupos responsáveis pela catequese dos nativos no Brasil não impediu que o culto adquirisse características próprias país. O fato se dá principalmente pela grande diversidade cultural e pela luta de sobrevivência dos povos e manutenção das culturas. A exemplo é preciso considerar a assimilação dos santos pelas religiões de matriz africanas, ou mesmo os grupos messiânicos que se formaram ao longo dos séculos como resistência ao poder do Estado.

4 ASPECTOS DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM FIGUEIRÃO/MS

A festa da fazenda, em louvor a Nossa Senhora da Abadia é realizada todos os anos do dia 14 ao dia 15 de agosto há mais de noventa e três anos, sendo uma festa da comunidade rural do município de Figueirão - MS. O evento é o resultado da união de fazendeiros,

chacareiros e demais devotos de Figueirão e cidades vizinhas, que durante algumas semanas ou mesmo meses se mobilizam para organizar a festividade religiosa.

A história da festa é mais antiga que o próprio município de Figueirão - MS, uma vez que a cidade é uma das mais novas do Estado de Mato Grosso do Sul, fundada em 1949 mas que conseguiu sua emancipação política apenas em 29 de setembro de 2003, sendo desmembrada do município de Camapuã – MS, em 1º de janeiro de 2005. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)⁴, no censo de 2010 a população de Figueirão era estimada em 2.928 habitantes, tendo como base econômica a criação de bovinos e cultivo agrícola, com uma parcela considerável sendo desenvolvida pela agricultura familiar em pequenas propriedades.

O processo de ocupação da região data das primeiras décadas do século XX, o território pertencia ainda ao município de Coxim, que era umas das principais cidades do Sul do então Estado de Mato Grosso. As famílias pioneiras que chegaram em Figueirão eram pertencentes aos Estados vizinhos de Goiás e Minas Gerais, foram elas os Custódios, Rodovalho, Fernandes, Malaquias, Furtado, Amorim, Berco, Geraldino, Felisbino, Santana e Albino (ARAÚJO, 2005).

No pós Guerra do Paraguai, a região Sul de Mato Grosso ganhou grande visibilidade e os soldados que passaram pela região durante o combate passaram a narrar sobre as maravilhas encontradas, a abundância de terras inexploradas (devolutas) e seu potencial produtivo. Logo, teve início o processo de ocupação da região, com a imigração de inúmeras famílias, resultando no surgimento de novas cidades e povoados transformando a região sul em um importante centro econômico ainda no início do século XX.

Com a abundância de terras na região, cada nova fazenda poderia ter um raio de 30 a 40 km. Devido às dificuldades para realizar benfeitorias, como a construção de cercas para impedir que o gado fugisse, marcavam-se os limites entre as fazendas em alguma barreira natural, sejam elas serras ou rios. Dentro destas grandes fazendas, era comum existir inúmeras famílias residindo, cada uma responsável por preparar terrenos e fazer plantações em um regime de parceria ou “meia”, onde o fazendeiro disponibiliza a terra em troca de partes da produção, em contrapartida o lavrador tinha um lugar para morar e criar seus filhos (ARAÚJO, 2005).

As famílias foram se agrupando em microrregiões e aos poucos ocupando uma extensa área do cerrado, construindo os primeiros laços de fraternidade, principalmente

⁴ IBGE CIDADES. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/figueirao/historico>>. Acessado em: 26 nov 2020

devido às dificuldades encontradas na região promovendo a dependência mútua entre vizinhos. Surgiram assim os primeiros mutirões de trabalho, os grupos de viagens para os principais centros urbanos e as festividades como casamentos, batizados, construindo dessa forma, a comunidade rural de Figueirão.

Neste contexto, Araújo (2005, p.33) disserta sobre a distribuição das principais famílias:

Joaquim Malaquias da Silva à margem direita do Córrego Pontinha do Cocho, em 1901, onde hoje está a Vila de Santa Teresa; Rafael Fernandes nas Três Barras, em 1904; Juca Chaves na Limeira, em 1908; Jerônimo Joaquim na Macaúba, em 1910; Jerônimo Albino Ferreira no Morro Alto, em 1915; João Galdino de Moraes no Roncador, em 1916; Osório Rodovalho no Estreito, em 1919; Antônio Felisbino Furtado no Bonito, em 1920; Zeferino José de Santana no Chiqueirão, em 1920; Modesto de Lima na Cabeceira do Raio, em 1920; [...].

Distante dos grandes centros urbanos a região era esquecida por parte do Estado, uma vez que não havia nenhum tipo de infraestrutura pública para atendimentos de saúde, educação e o sertanejo continuava com seu ritmo de vida simples, mas com muito trabalho.

As famílias eram quase auto suficientes, produziam praticamente tudo o que consumiam na própria propriedade ou adquiriam em trocas locais com os vizinhos, compravam apenas produtos industrializados no grande centros. A viagem de compras era um grande desafio devido às longas distâncias percorridas, onde o tempo de duração poderia ser de até um mês de ida e outro para volta. As mercadorias eram obtidos a base de trocas, os sertanejos levavam banha de porco, charque, rapadura, queijo, arroz, feijão e conseguiam “fazer a feira”, adquirindo produtos como enxadas, foice, além do sal item de extrema necessidade.

Em meados da década de 20, o contexto de tranquilidade da região foi alterado por conta de um acontecimento nacional, o país passava por um conturbado período de resistência ao centralismo político da República Velha, surgindo inúmeras insurgências e manifestantes contra o regime. Se destacam entre elas a criação do Partido Comunista do Brasil, a organização do movimento operário, a semana da Arte Moderna, o Movimento Tenentista e posteriormente a formação da Coluna Prestes comandada por Miguel Prestes.

A Coluna Prestes ou Movimento dos Revoltosos, como ficou popularmente conhecida, foi um movimento político brasileiro de insatisfação por parte dos de grupos militares - Tenentistas Paulistas e Gaúchos, pedindo a saída do presidente Arthur Bernardes. Após a resistência sofrida nos grandes centros, o grupo se afastou para o interior com o intuito

de conscientizar as massas acerca das mazelas cometidas pelo governo e mobilizá-los a fim de conseguir apoio para uma revolução no Brasil.

Prestes (2006, p.21) disserta sobre a formação da coluna:

Após a junção das colunas paulista e gaúcha, as tropas rebeldes foram reorganizadas, criando-se a 1ª Divisão Revolucionária, constituída pelas brigadas “São Paulo” e “Rio Grande”, sob o comando do major Miguel Costa, o oficial de maior patente, promovido a general-de-brigada pelo general Isidoro. Ao todo, a divisão contava com menos de 1,5 mil combatentes, sendo 800 da coluna gaúcha e os restantes da coluna paulista. Havia cerca de 50 mulheres, entre gaúchas e paulistas, que, na maioria dos casos, acompanhavam seus maridos e companheiros.

Após a reorganização no final do mês de abril de 1925, a coluna iniciou sua grande marcha que atravessaria 11 Estados brasileiros, totalizando aproximadamente 25 mil quilômetros percorridos. Em meados do mês de junho do mesmo ano, uma parte da coluna atingiu a região de Figueirão cujo primeiro contato foi às margens do Córrego Pontinha do Cocho, local onde residia a família Malaquias, remanescentes dos quilombolas que viviam em um conglomerado de terras que na atualmente compreende o Distrito de Santa Tereza.

O encontro não foi amistoso, como foi descrito por Lourenço Moreira Lima secretário da Coluna Prestes em seu livro “A coluna Prestes: marchas e combates, uma biografia da coluna feita por quem acompanhou todos os momentos ao lado de Prestes. Segundo o referido autor, a coluna foi vítima de uma emboscada na região em que morava uma família de negros que ofereceu forte resistência quando a coluna atingiu a propriedade de um deles, tendo como resultado do conflito dois homens mortos e outros feridos, logo após a coluna seguiu sentido Baús onde encontrariam o restante dos integrantes (LIMA, 1979).

Em 1926, a coluna volta a passar na região, entretanto, em sua segunda passagem a coluna já se encontrava praticamente vencida, depois de cruzar quase todo o Brasil, cansados e com combatentes debilitados, no que se aproximava do fim com o exílio na Bolívia. Em 23 de outubro, a coluna se aproximou da fazenda de Silverio Amorim, às margens do rio Quatí, no dia 24/10/1926 chegaram a fazenda Cervo onde passaram a noite (LIMA, 1979). A fazenda fica localizada nas margens do Rio Figueirão, na região do Galeano, tendo como proprietários a Família Rodovalho.

Cabe ainda ressaltar que nesta segunda passagem ocorreu um violento episódio que ficou marcado na narrativa local e se caracteriza como um fato de grande relevância para constituir o imaginário local e o sentimento de aversão a Coluna Prestes. Na região das três barras, havia um grande proprietário de terra, muito respeitado e com grande influência

política, um autêntico “coronel”, que recebeu do governo o título de Guarda de Quarteirão. Em seu contato com a coluna se identificou com a referida patente e entrou na mira dos revolucionários, sofreu uma série de violências físicas e psicológicas, tendo sua propriedade invadida, sendo que após o episódio o senhor viu sua autoridade enfraquecida e se mudou da cidade (ARAÚJO, 2005).

Nesse aporte, iniciou-se a história da Festa da Fazenda, quando os revoltosos se aproximaram pela segunda vez, a população assustada se apegou a devoção em Nossa Senhora da Abadia como forma de proteção de suas famílias e suas posses. Um grupo de fazendeiros composto por Antônio Felisbino Furtado, Manoel Grisóstomo Furtado (Nego Caruncho) e João Galdino de Moraes se reuniram e fizeram a promessa a Santa, em pedido por sua intercessão, prometeram a realização de uma festa anual, se esses homens não retornassem novamente a região (ARAÚJO, 2005).

A devoção a Santa tem ligação direta com a origem das famílias que vieram para a região, como mencionado anteriormente, em sua maioria as famílias eram de origem mineira e goiana. Segundo o Portal Cruz Terra Santa⁵, Nossa Senhora da Abadia é um dos títulos da Virgem Maria, a devoção se originou em Portugal e chegou ao Brasil por volta do século XVIII, se instalando na região do Triângulo Mineiro e com o tempo o culto foi adentrando o estado de Goiás.

Outra evidência da origem da devoção está nas similaridades dos ritos, destacados ao se analisar o trabalho de Oliveira (2019), que dissertou sobre a Festa da cidade de Jataí - GO. Segundo a autora, a cerimônia se inicia um mês antes da festa, com reunião de um grupo de foliões da comunidade rural, que abandonam seus afazeres e seguem junto com a santa na folia.

O grupo é composto por um chefe, alfer, garrucheiro, caixeiro e demais foliões. Durante o percurso o chefe é responsável por organizar as visitas às famílias, conseguir alimentação e pouso para os integrantes do grupo. O alfer é o responsável por conduzir a santa, enquanto o garrucheiro dispara tiros de garrucha, informando a chegada da folia, acompanhado pelo caixeiro.

A passagem da folia por uma fazenda é acompanhada de grande cantoria alusivas a Santa, que é exposta em uma bandeira de pano bordada, entregue ao dono da casa no momento da chegada e retirada no momento da saída, ocasião em que há um grande simbolismo, seguindo o mesmo ritual desde a primeira festa. O tempo de visita é destinado ao

⁵ SITE: CRUZ TERRA SANTA. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-abadia/20/102/>>. Acessado em: 10 out 2020

repouso dos foliões mas também é um momento de oração e cantoria, sendo a principal cerimônia a reza do “Terço Cantado”.

A oportunidade ainda é utilizada para fazer o convite para a festa e também para angariar prendas para a festividade, que é mantida por meio dessas doações das pessoas. Santos (2008), afirma que a doação de prendas é carregada de simbologia, uma vez que as famílias se dispõem a entregar suas melhores produções, sejam de reses e outros animais ou mesmo produção agrícola, na esperança por prosperidade, pois por meio da a fé haverá uma retribuição por fartura nas colheitas ou mesmo por fertilidade do rebanho.

Conforme o dia da festividade se aproxima, a folia vai se direcionando para o local da festa, completando a jornada peregrina sempre na mesma data, independentemente do dia da semana, obedecendo às vésperas do dia da santa. “A primeira Festa de Nossa Senhora da Abadia foi realizada do dia 14 para 15 de agosto em 1927 na residência de Manoel Grisóstomo Furtado (Nego Caruncho), quase no pontal do Córrego do Mato e Sucuri onde está a Chácara Santa Isabel de Manoel Liduino” (ARAÚJO, 2005, p.70).

A chegada da bandeira é um dos momentos mais aguardados da festa, acontece sempre no período da tarde e reúne uma grande quantidade pessoas, por se tratar de um momento muito festivo devido a cantoria dedicada a Santa. No início da noite acontece mais uma celebração importante o terço cantado, que antecede o jantar e também a parte não religiosa (profano) , consistindo de apresentações musicais e as danças tradicionais como a catira, a vaneira, entre outros.

O terço cantado é uma tradição caipira, as dezenas do terço são tiradas em ritmo de música, acompanhado por instrumentos musicais e tiros de garrucha, a celebração é conduzida por integrantes da própria comunidade, sendo um rezador ancião. Mesmo a festa sendo dedicada a uma santa Católica, a participação da igreja acontece em raras exceções a depender do pároco da cidade. Uma vez que, devido às condições propostas no “voto religioso” feito pelos precursores da festa não irem de encontro com o pensamento institucional, pode ocasionar um impasse muito comum quando envolve a religiosidade popular.

Nos primeiros anos da festa, ainda não existia a presença da igreja na região, os batizados, as cerimônias religiosas e mesmos os funerais eram conduzidos por integrantes da própria comunidade. Somente a partir da fundação do povoado de figueirão, que no início da década de 50 foi construída a primeira igreja. Por aclamação popular a santa foi escolhida como padroeira da comunidade, no entanto, não foram estabelecidas relações de colaboração entre a instituição religiosa e os representantes da festividade.

A esse respeito, Araújo (2005, p.71-72) assinala que:

Pensando na possibilidade de unir as duas festas resolveram escolher como padroeira de Figueirão Nossa Senhor da Abadia. Houve uma reunião entre as lideranças da vila e das fazendas mas não chegaram em nenhuma acordo devido a diferença ideológica de cada festa, mesmo assim Nossa Senhora da Abadia, por unanimidade, passou a ser a padroeira da vila.

Durante a celebração da festa, após a reza do terço é servido o jantar, tendo no cardápio arroz, carne assada, mandioca, além de comidas típicas da região como o frango com gueroba ou bacuri, palmeira similar ao palmito. Seguindo a noite, a comida fica a disposição na cozinha para pessoas que vão chegando depois do horário inicial, ainda por volta de 01:00 hora da manhã é servido um banquete de doces, sendo tudo servido sem nenhum custo a população, graças às doações recebidas antes da festividade e trabalho voluntário.

Outro momento importante da festa é o sorteio do próximo local que ela vai ser realizada, bem como de todas as pessoas que vão ocupar funções específicas, doando seu serviço em prol de sua realização. No sorteio se define o festeiro, o alferes, o responsável pela cozinha, quem vai fazer a torda (instalação improvisada feita com folhas de coqueiro), a fogueira, o juntador de ovos e prendas, dentre outros. Participam do sorteio pessoas de todas as idades, homens, mulheres e crianças, sendo essa uma das maneiras de atrair a juventude a participarem e dessa forma manter a tradição.

Vale destacar ainda, que nos últimos anos a festa vem sofrendo transformações importantes devido as dificuldades que vão surgindo com o tempo, renovando por isso, algumas das suas tradições históricas, mas mantendo-as sempre vivas. O fato se dá principalmente pelo envelhecimento e morte dos principais entusiastas da festa, devotos que durante anos conduziram a festividade, mas que na atualidade estão cansados e não conseguem realizar todos os ritos da mesma forma que antigamente.

Dentre as mudanças perceptíveis estão, a diminuição dos dias de folia, a troca do cavalo pelo carro em alguns momentos e até mesmo o pernoite nas instalações das fazendas que recebem a folia, já estão sendo abandonada em alguns casos. Algumas mudanças surgem por conta dos integrantes da própria família, no entanto, algumas são mudanças de hábitos da própria população, como o crescimento da adoção do protestantismo entre a comunidade rural e mesmo a dificuldade que as famílias enfrentam em acomodar grande número de pessoas em suas casas, ou mesmo na perda dos laços e satisfação de receber pessoas em casa, transformações culturais que precisam ser analisadas posteriormente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa apresentada fica evidente a necessidade humana ao longo dos séculos de adotar um símbolo religioso de proteção. O motivo é a limitação e o sentimento de fraqueza ao enfrentar o desconhecido, sendo a crença uma fuga da realidade, uma ferramenta para suportar os desafios encontrados no dia a dia.

Ficou demonstrado também, a relação entre a religiosidade popular e a história do município de Figueirão/MS e a festa na fazenda em louvor a Nossa Senhora da Abadia, pertencendo a cultura da cidade, permanecendo viva pela união e devoção da comunidade que mantém a tradição mesmo após seus 93 anos de existência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ademar de. **Figueirão**. Campo Grande: Iaçú Porã, 2005.

ÁVILA, Vicente Fideles de. (Org.). **Formação educacional em Desenvolvimento Local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos**. 2. ed. Campo Grande MS: UCDB, 2001.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. **A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano**. Interações (Campo Grande), v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016. doi:10.20435/1984-042x-2016-v.17-n.4. Acesso em: out 2020.

CASTRO, Celso (Org). **Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DE ANDRADE, Solange Ramos. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. v. 3, n. 7, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30331/15916>>. Acesso em: 2020-10-10.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora LTC, v. 323, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. tradução Alexandra Figueiredo. [et. al.] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes Marchas e Combate**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, n. 7, 2008. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/agora/article/download/1918/1430>>. Acesso em: 2020-10-10.

OLIVEIRA, Marlene Flauzina. **Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí/GO: uma experiência de interpretação geográfica.** 2019. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário, comunista.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, M. **Ensaio de geografia contemporânea.** São Paulo: Hucitec, 2001.

SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. **A festa do divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade.** 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.8.2008.tde-06012009-163844. Acesso em: 2020-10-10.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro.** Brasileira, 1955.